



VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: CONHECENDO A TEMÁTICA PARA PREVENIR E COMBATER A PARÁTICA

Betina Lascombe¹
Amanda Corrêa Rocha²
Monise Gomes Serpa³

Sensibilização com educadores/as para práticas preventivas à violência em sala de aula

O presente relato de experiência visa expor alguns dos resultados obtidos até o momento no projeto de extensão financiado pela Universidade Franciscana (UFN). O projeto intitula-se: “Violência sexual contra crianças e adolescentes: conhecendo a temática para prevenir e combater a prática”. Iniciou-se em outubro de 2017, encontra-se em andamento e é realizado em uma escola municipal no interior do Rio Grande do Sul. Os resultados apresentados neste relato e experiência foram obtidos através de seis práticas semanais com educadores/as de uma escola municipal, localizada no interior do Rio Grande do Sul.

Objetivou-se se aproximar da temática geral de violência sexual contra crianças e adolescentes, tendo base indicações literárias sobre a temática, em especial o “Guia Escolar” para a identificação de sinais de abuso e exploração sexual (SANTOS, 2011), e de perspectivas de estudo pós-estruturalistas sobre as desigualdades sociais, relações de gênero e sexualidade.


Optou-se por abarcar as concepções de gênero e sexualidade, nas articulações de medidas preventivas as práticas de violência sexual contra crianças e adolescentes, pois de acordo com Cerqueira e Coelho (2014), em nota técnica ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA, com relação ao total das notificações de violência sexual ocorridas no ano de 2011, 88,5% das vítimas eram do sexo feminino e mais da metade tinha menos de 13 anos de idade. Para tal estudo, 70% dos estupros têm como alvo crianças e adolescentes, sendo os seus maiores agressores homens adultos. Diante disso, questiona-se o porque dessa desigualdade de gênero ser um fator evidente nos dados, onde meninas jovens são as maiores vítimas e os seus maiores agressores homens.

¹ Estudante de Psicologia, Universidade Franciscana, betinalascombe@hotmail.com

² Estudante de Psicologia, Universidade Franciscana, rochamanda10@gmail.com

³ Professora Doutora, Orientadora, Universidade Franciscana, monise.serpa@gmail.com





Optou-se pelo território escolar a como local de práticas para realizar o projeto, pois de acordo com Ristum e Bastos (2004), esta é considerada a segunda grande instituição responsável por transmitir conhecimentos para crianças e adolescentes. Portanto, torna-se um território potencial para criar estratégias de sensibilização e desenvolver um posicionamento crítico das/os educandos/as em relação ao tema.

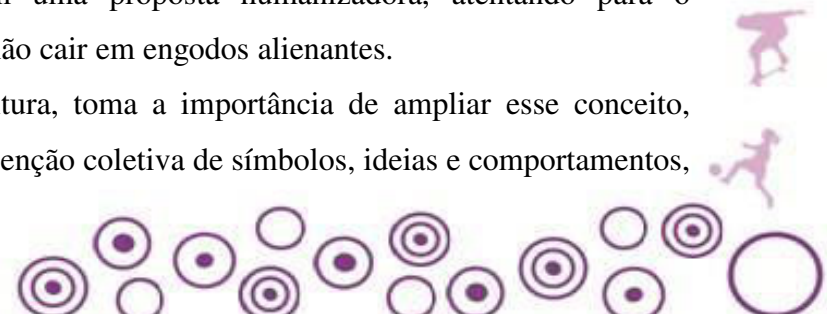
Primeiro ocorreu a formação da equipe de bolsistas, as quais se debruçaram no estudo teórico. Após, sempre como base supervisões semanais e leituras bibliográfica, iniciaram-se as, práticas grupais com a equipe de professoras/es, tratando a corporeidade como dispositivo potente. Os encontros aconteciam quinzenalmente, com duração aproximada de cinquenta minutos. Foi utilizado a exposição do tema e diálogo em formato de roda de conversa e dinâmicas grupais aliadas a exercícios corporais de contato e improvisação que envolvessem a interação com o outro. Para análise do material, produziu-se relatórios sobre cada prática, que foram analisados através da análise de conteúdo (BARDIN, 2009).


De acordo com uma das professoras/es, o contexto cultural no Rio Grande do Sul naturaliza esse tipo de violência, atribuindo a responsabilidade a perspectiva machista. Relatos também esboçaram desesperança, pois o modo de ser tradicional está enraizada, complementando não via possibilidade de sua mudança a partir de atividades de discussão sobre o tema, como as propostas pelas sete bolsistas, sendo uma remunerada.

As/os educadoras/es narraram uma situação em que detectaram que quatro alunos que sofriam violência perpetrada pelo pai e a mãe, ao ser chamada pela escola, relatou que também é violentada pelo companheiro. Afirmam que a violência intrafamiliar é um fenômeno emergente no contexto comunitários que os/as estudantes estão inseridos. Segundo Green (1995), nas famílias em que a violência sexual se faz presente, não é raro existir uma estrutura familiar patriarcal bastante rígida. Também a precarização de políticas públicas voltadas para o combate à tal face da violência sexual foi tido como potencializador do sentimento de insegurança e impotência para alguma mudança.

Até o momento, pondera-se que falar sobre violência sexual contra crianças e adolescente envolve lidar não só com concepções e discursos sociais, mas com preconceitos e estigmas internos de cada sujeito. Para facilitar o processos grupais, às bolsista estavam a todo momento manejando o processo de se distanciar de qualquer conduta aliada à consolidação de uma intervenção não condizente com uma proposta humanizadora, atentando para o posicionamento ético-técnico, a fim de não cair em engodos alienantes.

Chauí (2006), ao analisar a cultura, toma a importância de ampliar esse conceito, apreendendo no sentido, também, da invenção coletiva de símbolos, ideias e comportamentos,





enfim modos a criar articulações, onde todos os indivíduos e grupos são sujeitos pertencentes a linguagem cultural. Assim, o entendimento da violência sexual e das suas lógicas para seu enfrentamento demanda uma pauta articulada de várias instâncias da sociedade e, assim, precisa ser entendida como uma fenômeno social e cultural.

Uma característica dos encontros iniciais foi de fornecer um amparo coletivo e sensação de pertencimento, para a equipe de professoras/es, para estes lidarem com o seu desamparo diante do cenário de enfrentamento à violência sexual. Através das práticas realizadas, como filas por ordem de gênero, ou o uso dos banheiros, foi possível problematizar concepções que podem estar sendo reproduzidas nas ações pedagógicas, contribuintes com a perpetuação da violência sexual.

No processo de sensibilização os/as educadores/as, uma das principais problematização apontava em relação a constituição dos corpos femininos como mulheres atraentes e sedutoras, onde propagam um modo de ser feminino no qual as relações de poder parecem se estabelecer mais a partir do erotismo e da sedução, constituindo um conjunto de relações de saber-poder sobre os corpos e produzindo múltiplas formas de ser e de estar no mundo.

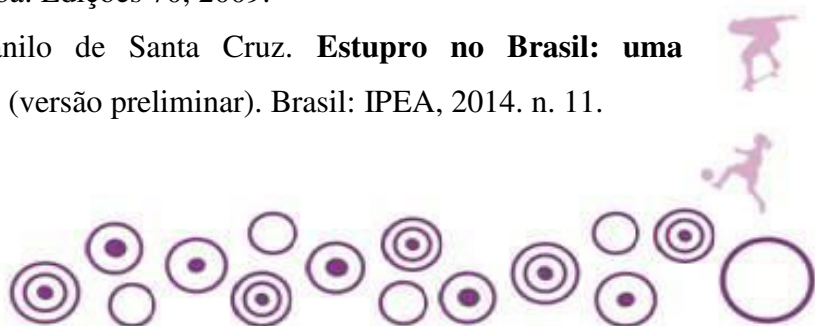
Os/as educadores/as perceberam e relataram que o silêncio sobre os processos de violência sexual, esconde o temor do enfrentamento de algo que já estava lá para ser trabalhado (no final de um dos encontros narraram a necessidade de instrumentalização para lidar com o que já ocorria). O reconhecimento de que já existia um trabalho tímido nesse sentido, mas sem fundamentação teórico-prática para trabalhar sobre lógicas de saber-poder em relação aos corpos e como concepções referente aos modos de ser homem e mulher vão produzindo lógicas de gênero e sexualidade promotoras dos processos de violência sexual contra os corpos infanto-juvenis, faz parte de uma necessidade dos grupos.

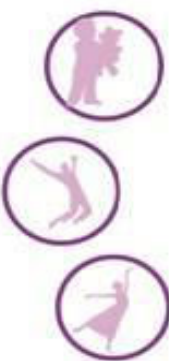
O próximo passo do projeto, além do seguimento das atividades com os/as educadores/as, visa-se iniciar intervenções grupais com os/as estudantes, explorando principalmente a ludicidade e a corporeidade para aprofundar conceitos como ‘permissão’, ‘consentimento’ e ‘sexualidade’ com crianças e adolescentes a partir dos seis anos e idade.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo de Santa Cruz. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da saúde** (versão preliminar). Brasil: IPEA, 2014. n. 11.





GREEN, Arthur. Abuso Sexual Infantil e Incesto. *In*: LEWIS, Melvin (Org.). **Tratado de Psiquiatria da infância e adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RISTUM, M.; BASTOS, A. C. S. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 225-239, 2004.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; **Guia escolar**: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Benedito Rodrigues dos Santos, Rita Ippolito. Rio de Janeiro: EDUR, 2011.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

